

KIERKEGAARD E HEIDEGGER: ANGÚSTIA E IMPESSOALIDADE

Vinícius Cunha dos Santos

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Resumo: O tratado escrito por Sören Kierkegaard em 1844, *O conceito de angústia*, entre os tantos temas que nos apresenta, traz uma profunda reflexão sobre os limites da liberdade humana. A partir desta questão propomos aproximações entre este pensar sobre como se dá a liberdade do homem, tanto no âmbito do gênero quanto no de indivíduo, e o conceito de Impessoal (*das Man*) desenvolvido na analítica existencial de Martin Heidegger. Conceitos fundamentais da obra do pensador dinamarquês como pecado hereditário, gênero e indivíduo, e a expressão da falta de espírito, serão contraponteados com conceitos da obra heideggeriana como Impessoal e falatório, para a partir disso observarmos a possível harmonia que existe entre eles. Este texto busca verificar a semelhança ou diferença entre as duas reflexões citadas acima, na tentativa de compreender o impacto moral que ambas podem ter, sendo este impacto o mesmo em ambas teorias, ou tendo cada teoria uma inclinação moral diferente.

Palavras-chave: Liberdade, Indivíduo, Impessoal, Moral.

INTRODUÇÃO

O presente texto é uma pequena análise da obra *O conceito de angústia*, escrito por Sören Kierkegaard em 1844. Esta análise se estrutura em torno dos pontos do texto de Haufniensis que encontram correspondência com as teorias do pensador alemão Martin Heidegger sobre o Impessoal (*das Man*).

Partindo do pressuposto de que o tema da liberdade humana serve de eixo para Haufniensis, um dos pseudônimos de Kierkegaard, desenvolver suas problematizações em relação ao pecado, à culpa, à angústia e a outros conceitos trabalhados na obra. Sendo um tratado sobre a liberdade, ele passa pela tematização do indivíduo, da subjetividade, e conseqüentemente nos dá inúmeros

elementos que o aproximam da analítica existencial do pensador alemão Martin Heidegger.

Entre as aproximações que traremos estão a questão da culpabilidade, que o pensador dinamarquês coloca a partir da dicotomia “culpa hereditária” e “culpa individual”. Da mesma forma vamos nos ater à questão da Impessoalidade no que toca a responsabilidade, no sentido de que se ela é “da gente”, não é de ninguém, pois todos nós e ninguém tornam-se quase que conceitos idênticos, pois ambos abolem qualquer distinção entre quem é ou não responsável por qualquer ato. A falta de compreensão em relação, tanto ao pensamento kierkegaardiano sobre a pecaminosidade quanto ao pensamento heideggeriano da impessoalização da responsabilidade, trazem impactos morais muito semelhantes. Soma-se também a essas aproximações uma reflexão relacionando a “angústia da falta de espírito”, mais precisamente ao discurso da falta de espírito, com o falatório (*das geredete*), que é a expressão lingüística do Impessoal.

INDIVÍDUO, SUBJETIVIDADE E POSSIBILIDADE

A obra de Sören Kierkegaard, *O conceito de angústia*, escrita em 1844, tem como tema central a liberdade humana. A reflexão sobre a angústia está toda estruturada com base no fato de que o homem é livre, por isso se angustia. O homem é homem porque é angústia, porque é livre, isto o torna imprevisível, incerto, por vezes, sem chão. Algo vai acontecer, mas nunca se sabe ao certo o que será, pois o homem e suas relações são tão complexas e radicadas na liberdade que não há como ser feito qualquer prognóstico exato e lógico, há sempre uma margem de imprevisibilidade. Isto gera a insegurança que é efeito da liberdade, daí a angústia. Assim, os conceitos de indivíduo, subjetividade e possibilidade, são profundamente desenvolvidos na obra do pensador dinamarquês, e são elementos fundamentais para a descrição da anatomia da liberdade humana, feita n’*O conceito de angústia*.

Antes de entrarmos nas considerações mais específicas sobre o indivíduo, é importante mencionar uma tensão que perpassa a obra e é fundamental na reflexão geral do livro: a relação entre indivíduo e gênero. Esta relação, é muitas vezes o eixo da reflexão da obra nos primeiros capítulos. Ela aparece devido a uma busca do autor no sentido de explicitar como se dá a relação entre pecado original, o de Adão, e o pecado de cada indivíduo ao longo da história. O conceito

de pecado, que sempre vem vinculado com a idéia de culpa, também é muito importante para compreendermos a relação entre liberdade, possibilidade e angústia. A possibilidade de o homem, em sua liberdade, cometer algum erro, isto é, pecar, e com isso, sofrer as conseqüências deste erro, ou seja, tornar-se culpado, é o que lhe angustia por sua condição de liberdade.

É na exposição da tensão gênero X indivíduo, que podemos pescar alguns traços da tensão impessoalidade X autenticidade, presentes na obra do pensador alemão Martin Heidegger, que mais adiante trabalharemos neste texto. Por agora ficamos em Kierkegaard e no pecado. A pecaminosidade está na esfera pessoal, pública, mas o ato de pecar é uma questão de cada indivíduo em sua singularidade, devido à liberdade que é condição básica do humano. O indivíduo, ao surgir, já traz consigo a pecaminosidade, como uma forma de herança histórica, mas pecador ele só será de fato se pecar, pois só o seu ato pessoal pode colocá-lo qualitativamente na condição de pecador, não a pecaminosidade, que por questões litúrgicas, já nasce com ele. “Enquanto a história do gênero humano progride, o indivíduo principia sempre *da capo*” (KIERKEGAARD, 2010, p. 31). Assim nem todo portador da pecaminosidade (a rigor toda a humanidade) é pecador, só quem comete o ato. Pecado, pecador e pecaminoso, são condições diversas que não se pode confundir em hipótese alguma. Confusão tal, por certo, é um pecado mortal para qualquer filósofo sério.

Assim, cada indivíduo possui a responsabilidade por si. Isto acontece por ele ser livre. O homem é um ser de possibilidade, dentro disso, Kierkegaard afirma que “a Angústia é a liberdade da possibilidade e a liberdade é própria do indivíduo.” Em seguida, o pensador dinamarquês afirma que “a angústia era o instante na vida individual”.

Sendo um tratado sobre a liberdade, que é do indivíduo, o Conceito de Angústia também é um tratado da subjetividade, por isso Haufniensis o intitula “Uma simples ponderação psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário”. Conforme o próprio Haufniensis, a psicologia era o nome dado à doutrina do espírito subjetivo. Paralelamente, em Heidegger, a subjetividade não deixa de ser um dos eixos da parte de sua filosofia que trata da questão do Impessoal. O Impessoal por vezes é um lenitivo para a angústia, pois nele, creditamos “aos outros” tudo que nos diz respeito. “A gente” acaba por responsabilizar-se pelo eu, “a gente” é qualquer coisa, todos e ninguém, ele afasta de mim a possibilidade, a liberdade individual se anula, com isso se anula também a responsabilidade, tudo é feito pelo “a gente”. Se em Kierkegaard a angústia é a

liberdade da possibilidade, em Heidegger o Impessoal é o mascaramento da possibilidade e da liberdade, um mascaramento da angústia que acalma o indivíduo, que lhe dá refúgio psicológico.

A angústia não se dá pela liberdade em sua plenitude, ou por uma liberdade abstrata, sem limites, tampouco pela necessidade, como parte constitutiva do homem, mas a angústia é em si, uma liberdade enredada, ela é a forma como a tensão entre liberdade e necessidade se dá no concreto. “Angústia não é uma determinação da necessidade, mas tampouco o é da liberdade; ela consiste em uma liberdade enredada, onde a liberdade não é livre em si mesma, mas tolhida, não pela necessidade, mas em si mesma” (KIERKEGAARD, 2010, p. 53). Podemos dizer que liberdade e necessidade nunca se dão de fato de forma concreta, elas são essencialmente abstratas, a angústia, apesar de ser parte do campo emocional humano, é a única ponta de liberdade e necessidade que adentram ao mundo fático, à realidade objetiva. A angústia é a única coisa que há de concreto no ser livre e no ser necessário.

GÊNERO, INDIVÍDUO E CULPA

Ao refletir sobre a relação entre gênero e indivíduo, o pensador dinamarquês se preocupa em esclarecer onde fica localizada a culpa: no humano como herdeiro do pecado original ou no ato do pecado em si. Pecador é quem comete um pecado ou quem descende de Adão (ou seja, todos os seres humanos)? Como veremos a seguir, esta problemática está muito próxima da problemática do Impessoal heideggeriano, pois o que move ambos os problemas é a questão da responsabilidade. No pensador dinamarquês, a culpa, i. é., a responsabilidade é uma questão central. Durante os capítulos que apresentam a tensão entre gênero e indivíduo, o autor não faz mais do que uma medição do tamanho real da responsabilidade, se ela se expande entre todos, desde Adão, ou se ela diz respeito a cada um. Nesta mesma linha, o pensador da Floresta Negra, em todos os textos onde toca no assunto da Impessoalidade, nada faz mais do que pesar a cota de responsabilidade que diz respeito a cada indivíduo em sua singularidade, e a cota de responsabilidade que cabe a ser assumida pelo meio, pela tradição, cultura e condições históricas, i. é., pelo indivíduo em sua socialidade. É sobre esta balança que se pesam as dimensões autêntica e inautêntica do *Dasein*.

Ao cartografar a geografia da pecaminosidade, e buscar traçar suas fronteiras, Kierkegaard nos aponta que:

O gênero humano tem sua história, nesta a pecaminosidade tem sua determinidade quantitativa contínua, mas invariavelmente a inocência só se perde pelo salto qualitativo do indivíduo. É bem verdade que esta pecaminosidade, que progride no gênero humano, pode mostrar-se no indivíduo, que com seu ato a assume, como uma disposição maior ou menor, mas este é um mais ou um menos, um determinar quantitativo, que não constitui o conceito de culpa (KIERKEGAARD, 2010, p. 40).

Assim, antes do pecado de Adão, não havia pecado. Adão fez a estréia, inaugurou uma categoria. A partir daí, esta possibilidade passou a estar presente no existir humano, sem com isso eximir cada indivíduo de sua responsabilidade, pois a condição de pecador pertence ao campo da liberdade de cada um, que peca ou não, definindo com isso, e não pela hereditariedade, sua inocência ou culpa. “No momento em que Adão cometeu o pecado, a observação o abandona para observar a origem do pecado em cada indivíduo posterior; pois agora está posta a geração” (KIERKEGAARD, 2010, p. 62).

A grande preocupação de Sören Kierkegaard, ao delimitar a culpa, está no fato de que, responsabilizando-se toda a humanidade não se responsabiliza ninguém. Pois a responsabilidade só se concretiza na distinção, ou seja, é distinguindo quem comete de quem não comete o pecado que podemos assinalar culpa ou inocência. No momento em que se nivelam as responsabilidades, onde todos se tornam culpados, ao mesmo tempo todos se tornam inocentes. Todos e ninguém, aqui, passam a ser o mesmo. Se o pecado entrou no mundo por Adão, e a partir daí todo homem é pecador, onde fica o indivíduo como responsável e livre? Onde há espaço para a liberdade? Se todos somos pecadores de antemão, então não há diferença entre pecar ou não pecar, pois já nascemos culpados, sem possibilidade de escolha, o que nos leva inevitavelmente a uma indiferença moral.

Ao nos remetermos à ontologia fundamental de Martin Heidegger, podemos notar que uma das características mais negativas da dimensão impessoal é a indiferença moral. O “Nós”, o “A Gente”, o “Se” (no Brasil “se” rouba muito), ou qualquer das traduções do Das Man, nada mais são do que a responsabilização generalizada, impessoal, imprecisa e indiferente. Pouco importa se faço ou deixo de fazer, pouco importa “quem” fez, apenas “se” fez. Não há responsável, existe a culpa, pairando sobre todos, mas ninguém é culpado. A conseqüência moral disso é o vale-tudo, pois cometendo ou não erros ou acertos, o mérito ou a culpa serão de todos e de

ninguém, sem diferenciação, o que gera uma situação onde não há mais diferença entre fazer ou não fazer qualquer coisa.

FALTA DE ESPÍRITO E FALATÓRIO

O conceito de Impessoal (*das Man*), na analítica existencial de Martin Heidegger, possui em si uma dimensão lingüística, ele se manifesta na fala como falatório. O falatório, em alguns livros é traduzido como “falação”. Nos originais, na língua alemã, ele aparece como “*das geredete*”. O falatório é o falar só por falar, a fala sem compreensão, a repetição automática, sem reflexão crítica, do que se diz correntemente, “à boca pequena”. O pensador da Floresta Negra lhe define assim: “A falação constitui o modo de ser da compreensão desenraizada da presença [*Dasein*] (HEIDEGGER, 2008, p. 233)”. Seria uma forma de compreensão sem compreensão, i. é., o ato de absorver passivamente o que se diz, sem realmente haver uma compreensão autêntica do que se está dizendo.

No §1 do Caput III de *O conceito de angústia*, intitulado “A angústia da falta de espírito”, Sören Kierkegaard descreve como se dá a fala da falta de espírito, que é justamente uma espécie de Falatório, pois se caracteriza por ser uma reprodução de algo que se escutou, sem uma real compreensão do que se diz. Isto salta aos olhos nesta descrição dada pelo pensador dinamarquês: “[...] a falta de espírito pode, em certa medida, possuir todo o conteúdo do espírito, porém não como espírito, veja-se bem, e sim como fantasmagorias, galimatias, frases ocas, etc. Ela pode possuir a verdade, mas, veja-se bem, não como verdade, e sim como boato ou mexerico de comadre” (KIERKEGAARD, 2010, p. 102).

Para nos aprofundarmos mais nesta aproximação, podemos ver como Thomas Ransom Giles descreve o Impessoal e o falatório, que nesta citação aparecerá como “palavrório”:

O modo existencial inautêntico que é o Impessoal, seduz, tranqüiliza e aliena o ser-aí (*Dasein*) da existência dentro das dimensões da temporalidade e da historicidade. Esse modo existencial manifesta-se no palavrório, em que o Impessoal passa a ser a verdadeira ressonância do discurso. É uma forma de curiosidade, uma distração e agitação contínua. O ser-aí (*Dasein*) não sabe mais distinguir entre o que sabe e o que ignora, pois não assume a existência, mas deixa-a ser controlada pelo Impessoal. Todavia, retirar-se da categoria do Impessoal exige uma opção dura, mas firme, em favor da possibilidade de um projeto por parte do mais autêntico “eu”. A consciência

é a testemunha desta possibilidade, pois é o modo de discursividade, o mais autêntico dos apelos que fala ao ser-aí (*Dasein*) para que deixe de escutar o Impessoal e seu palavrório (GILES, 1989, p. 107, 108).

Para termos uma visualização mais particular da falação, podemos recorrer a *Ser e Tempo*:

A falta de solidez da falação não lhe fecha o acesso ao que é público, mas o favorece. A falação é a possibilidade de compreender tudo sem se ter apropriado previamente da coisa. A falação se previne do perigo de fracassar na apropriação. A falação que qualquer um pode sorver sofregamente não apenas dispensa a tarefa de um compreender autêntico, como também elabora uma compreensibilidade indiferente da qual nada é excluído (HEIDEGGER, 2008, p. 232).

Aqui já vimos uma espécie de indiferença de compreensibilidade, ou seja, um falar sem compreender, sem compromisso com o que se diz. A falação pode até ser um discurso genial, mas nunca por ser um gênio quem a profere, mas por este repetir sem saber ao certo o que diz, ou até, pelo fato do falante ter casualmente acertado as palavras, e dito algo que, ou não queria dizer, ou nem sabia o que de fato queria dizer, apenas disse para não silenciar. Como diz o ditado: “A falta de assunto é a mãe da eloquência”.

A fala da falta de espírito também possui esta característica, pois é uma fala sem compreensão, é o falar só por falar. Também é capaz de discursos geniais, mas nunca na forma de discurso, sempre como fofoca ou algo do tipo. Vejamos:

Quando, por isso, a falta de espírito deve ser retratada, costuma-se colocar em sua boca, em geral, apenas conversa fiada, porque não se tem coragem de deixá-la usar as mesmas palavras que costumeiramente usamos. Isto é insegurança. A falta de espírito pode dizer absolutamente o mesmo que disse o espírito mais rico, só que não o diz pela força do espírito. Determinado como sem espírito, transforma-se o homem numa máquina falante, e não há nada que impeça que ele possa aprender de cor tão bem uma cantilena filosófica quanto uma confissão de fé e um recitativo político. (KIERKEGAARD, 2010, p. 102).

Ao relacionarmos os dois conceitos podemos ter um campo teórico bastante coeso, como se fosse uma teoria única. Poderíamos dizer que o palavrório é a falta de espírito, ou sua fala, já que ambos são uma forma vazia de curiosidade onde o falante fala com total indiferença em relação ao fato de compreender ou não o

que diz, pois ele não consegue mais fazer a distinção entre o que sabe e o que não sabe. Nesta forma de compreensão pode-se cometer os mais altos exageros e abusos, pois não se faz idéia do que aquilo que eu compreendo é de fato, há um descompromisso com a prévia apropriação da coisa, que gera uma tranqüilidade, pois não há o perigo de se fracassar na apropriação, sendo que o que caracteriza essa fala é uma total relatividade onde tudo é e não é, onde a verdade torna-se qualquer coisa. O homem, por sua vez, ao falar sem o empenho de ter se apropriado do assunto falado, reduz-se a uma mera máquina falante, reprodutora passiva de conteúdos.

Por fim, sabemos que ambos os conceitos trabalhados nos parágrafos acima não são o mesmo, foram desenvolvidos por pensadores diferentes em séculos diferentes. Também não podemos afirmar peremptoriamente que o que Heidegger produziu sobre o falatório seja uma mera cópia do que foi escrito sobre a falta de espírito. Porém, a semelhança entre ambas não nos deixa dúvidas da profunda influência que o pensador dinamarquês teve na analítica existencial do pensador da Floresta Negra.

CONCLUSÃO

Como já foi colocado anteriormente, O Conceito de Angústia é um tratado que tem como tema central a liberdade humana. Dessa forma também trata da questão do indivíduo, tanto enquanto sujeito que decide quanto como membro de um gênero que possui uma história, uma cultura, que responde por elas, sendo responsabilizado e condicionado por estes fatores. Com isso, em algumas reflexões expostas na obra podemos encontrar aproximações entre o espírito subjetivo, analisado na mesma, e o impessoal, trabalhado por Martin Heidegger em sua analítica existencial.

A preocupação de Kierkegaard em esclarecer a tensão entre gênero e indivíduo possui traços que lhe aproximam da tensão entre impessoalidade e autenticidade presente na analítica do pensador da Floresta Negra. Esta aproximação não pode ser feita de forma simplista, ou seja, vinculando gênero a impessoal e indivíduo a autenticidade, pois a correspondência entre as duas reflexões não é uma mera correspondência direta entre conceitos organizados em forma de emparceiramento simples, como nas tabelas dos campeonatos esportivos em forma de play-offs. A semelhança entre as duas reflexões está no fato de que

tanto a análise do dinamarquês como a do alemão buscam precisar as fronteiras entre o eu ou o próprio e a cultura, a história, ou seja, tudo que perpassa o indivíduo sem sê-lo propriamente.

Outra aproximação que podemos fazer é que ambos os pensadores, denunciam em suas análises, o perigo de uma indiferença moral. Este conceito, “indiferença moral”, não está exposto nestas palavras literalmente nas obras de ambos os pensadores, mas está presente como fator que pode aparecer se não forem precisados com rigor os limites entre o que é público e o que é privado. Quando Kierkegaard busca deixar claro que o pecado hereditário não torna nenhum indivíduo culpado sem que peque de fato, ele apenas sinaliza para o fato de que quem já nasce culpado não possui responsabilidade nenhuma sobre seus atos, podendo cometer os maiores erros, já que errando ou não, sua qualidade de pecador é a mesma. A generalização da culpa nada mais faz do que liberar a todos tudo, a afirmação de que todos já nascem pecadores equivale ao mesmo que afirmar que não existe pecado, ou que o salto para o pecado não é mais um perigo iminente, pois já foi dado antes mesmo do nascimento do indivíduo. A falta da distinção entre culpado e inocente é o que gera tal indiferença, pois se todos já são culpados, logo ninguém é, e se eu, desde antes de nascer, não tenho uma condição de inocente para zelar, pouco importa para mim se meus atos são bons ou maus, é indiferente. O mesmo ocorre na analítica de Heidegger quando ele expõe o impessoal. Nesta exposição fica claro que “todos nós e ninguém”, moralmente falando, é o mesmo, pois ninguém assume o “se”. A gente ou ninguém, tanto faz, é indiferente, afinal ninguém paga uma dívida que é de todos.

Por fim, aproximando o Impessoal heideggeriano com as reflexões de Kierkegaard sobre gênero, indivíduo e falta de espírito, podemos notar tantas semelhanças que até dá para condensá-las em uma teoria única, tamanha a coesão conceitual que há entre elas, apesar de terem sido desenvolvidas por pensadores diferentes em épocas diferentes.

REFERÊNCIAS

GILES, Thomas Ransom. *História do Existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1989.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis, Vozes, 2008.

KIERKEGAARD, Sören. *O conceito de angústia*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis, Vozes, 2010.